

Capítulo I

Abril de 1873

O trajeto até a estação de trem fora retardado por uma roda solta na carruagem, forçando Courtney Danning a procurar um assento no trem lotado. Ela passou pelo corredor, comprimindo os lábios ao constatar que aquele vagão, assim como os dois primeiros, estava cheio.

Gotículas de suor desciam-lhe pelas costas e entre os seios. Outras mulheres se refrescavam com os leques ou o que tivessem à disposição, enquanto os homens enxugavam a fronte com lenços luxuosos. Por que ela não havia escolhido um vestido mais apropriado para viajar?

O veludo de popelina azul era pesado demais para aquela época do ano. Ao menos o decote em forma de coração deixava a pele respirar um pouco.

Por fim Courtney viu um assento vago no trem lotado. Um raio de esperança elevou sua moral até ela ver o homem sentado no corredor adjacente ao lugar desocupado. Seus braços estavam cruzados sobre o peito, a cabeça, inclinada, e o chapéu encobria o rosto. Talvez ele estivesse dormindo.

Olhando de um lado para o outro, Courtney sentiu uma nova onda de desespero. Pelo visto ninguém queria se sentar ao lado daquele selvagem.

Curiosa, ela o avaliou. Mechas de cabelo loiro-claro desciam até o meio da nuca e lhe conferiam um ar indomável. O colete de couro estava desatado até a metade do peito onde um chumaço de pelos claros se atreviam entre os laços cruzados. A camisa o vestia à perfeição, sem esconder a largura dos ombros e a força dos braços. Ela engoliu a secura da garganta e abaixou o olhar. Nunca antes estivera tão perto de um homem com pistolas de duelo. Por certo, nunca antes vira alguém com uma faca amarrada na panturrilha. Os cavalheiros de seu círculo normalmente escondiam suas pistolas, nunca as deixando à vista.

— Vai ficar de pé aí o dia inteiro, moça? — o homem resmungou.

Courtney se irritou com o tom dele. Estreitou o olhar. Ante seu silêncio, o homem levantou a cabeça. Não o bastante para que ela lhe enxergasse as feições, mesmo assim, ela teve a nítida impressão de que ele a avaliava das saias aos seios. Segundos antes ela havia considerado o vestido pesado demais. Agora, desejava que o decote fosse mais discreto, pouco se importando com o calor.

— Não posso passar por sobre suas pernas — replicou, afetada pela ausência de bons modos do homem.

No início ele não se moveu. Depois, bem devagar, endireitou-se e recolheu

as pernas para baixo do banco, concedendo-lhe espaço suficiente para passar. Courtney esgueirou-se, sem saber que suas nádegas passavam perto do rosto dele. Ao se sentar, estremeceu. Atraída pelo desconhecido, fitou-o. Ainda que os olhos dele permanecessem escondidos, ela conseguiu ver o queixo quadrado e uma cicatriz superficial na face direita. Passou o olhar das mãos para o rosto dele; a pele parecia bronzeada pela exposição ao sol.

Afastando-se o máximo possível, olhou pela janela, grata por ter o cenário para ocupá-la durante a viagem. Em seu íntimo, sabia que esta seria longa. Estranhamente, porém, o bruto ao seu lado atiçava sua curiosidade.

Todos os músculos do corpo de Beau Hamilton estavam esticados como os arames de uma cerca. Desde o momento em que o trem se afastara da estação, ele tinha ficado tenso. Não havia antecipado se sentar ao lado de Courtney Danning durante toda a viagem. Tinha sido só no dia anterior que estivera no escritório do pai dela? Deslizando pelo assento, lembrou a cena vividamente.

— *Tenho um trabalho para você. A teimosa da minha filha acha que está apaixonada. Eu lhe pagarei dois mil e quinhentos dólares para segui-la até Santa Fé. E outros seis mil para vigiá-la por um ano após a cerimônia com o cafajeste com quem ela vai se casar.*

Beau disfarçou a surpresa. A oferta era generosa demais para recusar e ele seria um tolo se o fizesse. Não seria difícil vigiar uma riquinha mimada em Santa Fé. As atribuições do cargo pareciam simples demais, o que o deixou desconfiado. As coisas simples costumavam lhe custar muito mais do que o negociado. Ainda assim, era muito difícil resistir àquele montante.

— *Aceito.*

E lá estava a mulher, sentada rígida como uma tábua.

Ela recendia a sabonete e perfume floral. Jasmim ou madressilva, não tinha bem certeza. Misturado ao suor brilhante acima dos seios, aquele aroma o estava enlouquecendo.

Mudou ligeiramente de posição, amaldiçoando a reação do seu corpo à proximidade da mulher. Não conseguia desviar a atenção do vestido bem cortado — de veludo, pelo amor de Deus! — até as mãos enluvadas. Vislumbrou o perfil, forte e ao mesmo tempo refinado. O nariz era delicado e as maçãs do rosto salientes. Neles enxergou a teimosia descrita pelo pai. Quando os lábios se franziram, ele desejou saboreá-los a fim de saciar sua curiosidade. Seriam tão macios quanto pareciam?

Maldição!

Deveria ter recusado o trabalho. Deveria ter se afastado no instante em que a vira pela janela do escritório do pai e voltado a fazer o que sabia de melhor: encontrar homens de reputação duvidosa. Não importava o que havia dito a

Danning, ele não era babá de ninguém. Não fazia sentido perder tempo com uma mulher mimada que decidira seguir para o Oeste atrás do amor.

Mas a primeira imagem dela não lhe saía da cabeça.

— *Vá até a janela, sr. Hamilton — Leif Danning disse. — Minha filha é tudo o que me resta; preciso que alguém a proteja. Mas não aquele inútil do Burgess. Ela, porém, é obstinada, e precisa de um homem que a dome.*

Beau atravessou a sala. Quando viu a mulher que falava com o cavaliariço montada no cavalo, sentiu o ar lhe faltar. Estreitou o olhar, avaliando-a dos pés à cabeça. A carruagem demonstrava a fortuna da família. Sem dívida, aquela potrinha estava acostumada às belas coisas da vida, aos luxos que a maioria das mulheres só podia sonhar a respeito.

De longe, admirou o cabelo que chegava à cintura, o mais belo e sedoso que ele vira na vida. E liso, sem nem um cacho. Os fios rodopiavam ao redor dela, quando ela se movia, brilhando sob o sol. O vestido de montaria se agarrava às curvas femininas, e uma agitação conhecida se espalhou pelo seu baixo ventre.

Agora, tolo que era, estava sentado ao lado dela a caminho de Santa Fé.

Acomodando-se melhor, baixou o chapéu para encobrir o rosto. Com um pouco de sorte, dormiria o trajeto inteiro.

Santa Fé, Território do Novo México.

Courtney protegeu os olhos do sol da tarde com a mão ao vasculhar a praça à procura de Stanley. O calor forte era quase sufocante, no entanto, a primeira coisa que ela notou foi o azul profundo do céu. Era a tela de um artista se comparado com as ruas sujas que partiam da praça.

Respirou fundo e se arrependeu disso. O odor daquela cidade era muito diferente do de Nova York. O mais pungente era o dos porcos, bodes e cachorros passando a esmo.

As pessoas se vestiam mal. Os brancos usavam roupas simples do campo, enquanto os mexicanos usavam roupas coloridas e os índios vestiam-se à maneira do selvagem com quem ela dividira o assento do trem. O passo parecia mais lento também. Moroso, ela ouvira alguns homens comentarem ao desembarcarem. Olhando ao redor, ela concluiu que a palavra era o mesmo que o “passo de um morto”.

— Precisa de um hotel?

Courtney se assustou com o tom profundo do desconhecido. Virou-se e ergueu a cabeça para fitá-lo por baixo da aba do chapéu. Ele mantinha a cabeça no ângulo exato a fim de evitar contato visual. Depois da longa e silenciosa viagem, seguida do trajeto sacolejante e desconfortável no coche, essa era a primeira vez que ele lhe dirigia a palavra após perguntar se ela ficaria de pé no

trem.

Ela o avaliou com o olhar. Pelo que viu dos outros homens na praça, suas roupas rústicas se adequavam perfeitamente em Santa Fé.

— Obrigada, mas tenho certeza de que meu noivo providenciou minhas acomodações.

Lançando os alforjes por sobre os ombros, ele tocou a aba do chapéu com o indicador e se afastou sem nem mais uma palavra. Courtney até teria se ofendido com seus modos rudes caso ele não tivesse se despedido. Observando-o se afastar, ela deixou o olhar passear pelos ombros largos e costas fortes. O cinturão o circundava baixo no quadril e as tiras de couro se agarravam ao interior das coxas. Descobriu que o andar de pantera a intrigava. Engoliu em seco, perplexa pela atração que sentia pelo homem. Ela nem sabia o nome dele!

— Olá, Courtney.

Ela afastou o olhar do atraente desconhecido para se deparar com Stanley. Temendo estar tão vermelha quanto o lenço do paletó de Stanley, ela tentou disfarçar as faces rosadas com as mãos enluvadas. A culpa se acercou de seu coração. Estivera tão encantada pelo estranho que momentaneamente se esquecera por completo de Stanley. Ousando uma espiadela por sobre o ombro, viu o homem entrar no hotel do outro lado da praça.

— Está mais linda do que nunca — Stanley a elogiou.

Courtney procurou as palavras certas.

— Não tem nada a dizer ao seu futuro marido?

— Perdão, Stanley. A viagem foi longa e cansativa. — Ela esticou a mão enluvada na qual ele depositou um beijo. Courtney tentou não franzir o cenho. Onde estava a excitação que agitava seu estômago quando ele a beijava em Nova York?

— Mostre-me sua bagagem e eu farei com que a levem para casa.

— Para casa? Nós não...

— Não se preocupe. Você ficará no Hotel Exchange até a noite. Fiquei contente por você ter enviado um telegrama avisando de sua chegada. Tudo já está arranjado para a cerimônia e a festa. Acho que você ficará satisfeita.

— Claro que ficarei. — Um ano havia mudado Stanley. E não era só pelo cabelo que agora atingia o maxilar. Poderia se acostumar a isso. Havia algo... diferente. — Levarei a bolsa floral comigo para o hotel.

— Claro, querida.

Depois de instruir um garoto mexicano a levar as malas até a carroça e carregá-las, Stanley pegou a mala restante que ela precisaria para o casamento e rumou para o Exchange.

Courtney titubeou.

— Algo errado?

Ela fitou o mesmo hotel no qual o estranho entrara.

— Este é o único hotel da cidade?

— Pode não ser um da 5ª Avenida, mas é um bom lugar. Venha, vamos acomodá-la.

Assim que entraram no átrio, Courtney se perguntou se se depararia com o estranho. E no mesmo instante se perguntou por que se importaria com isso. Só por que tinham viajado juntos de Nova York a Santa Fé não significava que fossem conhecidos.

— Tem certeza de que está se sentindo bem?

— Sim, estou bem. — Ela desejou que seu sorriso fosse convincente.

Stanley a acompanhou até o quarto que dava para uma expansão de terra árida, cheia de pedras e plantas do deserto. Ela suspirou, preferindo ver um jardim de flores.

Stanley depositou a maleta no chão de madeira e deu um sorriso de lado.

— É aqui que eu a deixo. Não queremos que pensem que estou me aproveitando de uma dama. — Depois de um breve beijo na face, ele se afastou.

Courtney observou seu caminhar manso, como o de um homem sem nem uma preocupação na vida. Ela esperava encontrá-lo um pouco nervoso no dia do casamento; ela, por certo, estava. Viu o terno cinza e o modo como ele caía no corpo magro. Charmoso e belo de um modo civilizado, Stanley não era nem um pouco rude. O oposto daquele selvagem.

Comprimiu os lábios em admoestação. Por que pensar nele? Nenhum outro homem tinha o direito de se infiltrar em seus pensamentos. Estava apaixonada por Stanley.

A porta contígua se abriu e de lá surgiu sua distração indesejada. Ele ainda estava com o maldito chapéu. Courtney pegou a maleta e entrou no quarto. Rezou para que o som deliberado da tranca mantivesse o lobo ao largo.